

EROTISMO E SEXUALIDADE COMO CONDIÇÃO EMANCIPATÓRIA NA POESIA DE GILKA MACHADO

EROTISM AND SEXUALITY AS AN EMANCIPATORY CONDITION IN
THE POETRY OF GILKA MACHADO

EROTISMO Y SEXUALIDAD COMO CONDICIÓN EMANCIPATIVA EN
LA POESÍA DE GILKA MACHADO

*Cleusa PIOVESAN**

Resumo: O intuito deste estudo é, por meio da análise de poemas de Gilka da Costa Melo Machado (1893-1980), formar novos olhares sobre a relação da mulher com o próprio corpo, desconstruir estereótipos e preconceitos sobre a expressão de sua sexualidade e ressignificar sua condição de “sujeito social”, ofuscada pela condição inferiorizada, atrelada à vida doméstica. Essa grande poetisa não aceitou a condição determinada à mulher pelo patriarcado e desvela em seus poemas os desejos femininos, em obra de formação simbolista, com forte apelo romântico e erótico. Propomos uma análise do teor erótico e da sexualidade reprimida da mulher, sob um retrospecto da História das mulheres, tendo como escopo teórico os pressupostos de Beauvoir (1970), Friedan (1971), Chauí (1985), Saffioti (1987), Kolontai (2008), Bourdieu (2017) a respeito das relações de gênero; de Gomes (1994) e Candido (1995) sobre literatura; e Foucault (1988) e Bataille (1987) sobre sexualidade.

Palavras-chave: Ressignificações; Poesia erótica; Sexualidade; Relações de gênero.

Abstract: The aim of this study is, through the analysis of poems by Gilka da Costa Melo Machado (1893-1980), to form new perspectives on the relationship of women with their own bodies, to deconstruct stereotypes and prejudices about the expression of their sexuality and resignify his condition as a “social subject”, overshadowed by the inferior condition, linked to domestic life. This great poet did not accept the condition determined by the woman through patriarchy and unveils in her poems the feminine desires, in a work of symbolist formation, with a strong romantic and erotic appeal. We propose an analysis of the erotic content and repressed sexuality of women, based on a retrospective of the History of women, with the theoretical scope of the assumptions of Beauvoir (1970), Friedan (1971), Chauí (1985), Saffioti (1987), Kolontai (2008), Bourdieu (2017) on gender relations; de Gomes (1994) and Candido (1995) on literature; and Foucault (1988) and Bataille (1987) on sexuality.

* Mestrado Profissional em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil (2020); Quadro Próprio do Magistério do Secretaria de Educação do Estado do Paraná, Brasil; escritora. Contato: cleusapiovesan@hotmail.com.

Keywords: Resignifications; Erotic poetry; Sexuality; Gender relations.

Resumen: El propósito de este estudio es, a través del análisis de poemas de Gilka da Costa Melo Machado (1893-1980), formar nuevas perspectivas sobre la relación de la mujer con su propio cuerpo, deconstruir estereotipos y prejuicios sobre la expresión de su sexualidad y resignificar su condición de “sujeto social”, ensombrecido por la condición inferior, ligada a la vida doméstica. Esta gran poeta no aceptó la condición determinada por la mujer a través del patriarcado y desvela en sus poemas los deseos femeninos, en una obra de formación simbolista, de fuerte atractivo romántico y erótico. Proponemos un análisis del contenido erótico y la sexualidad reprimida de la mujer, a partir de una retrospectiva de la Historia de la mujer, con el alcance teórico de los supuestos de Beauvoir (1970), Friedan (1971), Chauí (1985), Saffioti (1987), Kolontai (2008), Bourdieu (2017) sobre relaciones de género; de Gomes (1994) y Candido (1995) sobre literatura; y Foucault (1988) y Bataille (1987) sobre sexualidad.

Palabras-clave: Resignificaciones; Poesía erótica; Sexualidad; Relaciones de género.

Introdução

Antes de abordarmos a obra literária dessa importante representante da poesia de autoria feminina, é preciso situarmos a condição social da autora, que não teve o privilégio de estudar na Europa, nem de ser destaque na Semana de Arte Moderna de 1922, embora sua obra transite entre o Simbolismo e o Modernismo, no período de limbo da literatura brasileira, chamado de Pré-Modernismo, e tenha representado, para a época, uma evolução no espaço artístico, destinado às mulheres. Gilka da Costa Melo Machado, nascida no meio artístico – avô repentista, pai poeta e mãe atriz de teatro e de radioteatro – em 12 de março de 1893, no Rio de Janeiro, figura entre as mulheres precursoras dos movimentos feministas no Brasil e, desde a adolescência, milita em favor dos direitos femininos, tendo participado em 1910 da fundação do Partido Republicano Feminino, a fim de exigir a representação da mulher na política brasileira. Uma autora que foge à tradição de apenas as mulheres da elite terem acesso à cultura letrada. Ao citar as mulheres que encabeçaram as lutas femininas por sua condição emancipatória e pelo direito à igualdade entre os gêneros, Friedan (1971) afirma que

por mais dissemelhantes que fossem suas raízes sociais ou psicológicas, todas as que encabeçaram a luta pelos direitos da mulher possuíam uma inteligência acima da média, alimentada por uma

educação incomum no seu tempo. De outro modo, fossem quais fossem seus sentimentos, não teriam podido ver para além dos preconceitos que justificavam a degradação da mulher, nem manifestado seu protesto (FRIEDAN, 1971, p. 82).

Gilka Machado entra no rol dessas mulheres e lança sobre a condição feminina um olhar além da experiência física, aborda os conflitos psicológicos da mulher que deseja libertar-se das “amarras” do sistema patriarcal. Nas representações mentais dos desejos eróticos, a autora revela-nos que o erotismo mobiliza toda a expressividade e a subjetividade de cada ser humano, mostrando que questões biológicas e/ou fisiológicas têm de ser diferenciadas das questões referentes à sexualidade e à identificação dos sujeitos como seres sociais, tema também de estudos filosóficos, Chauí (1984) salienta que os estudiosos passaram a

distinguir e diferenciar entre necessidade (física, biológica), prazer (físico, psíquico) e desejo (imaginação, simbolização), esse alargamento fez com que o sexo deixasse de ser encarado apenas como função natural de reprodução da espécie, como fonte de prazer ou desprazer [...] para ser encarado como um todo, dando sentidos inesperados e ignorados a gestos, palavras, afetos, sonhos, humor, erros, esquecimentos, tristezas, atividades sociais [...] que, à primeira vista, nada têm de sexual (CHAUÍ, 1984, p. 11).

Esse “todo”, descrito por Chauí, permeia a poesia de Gilka Machado que foi, muitas vezes, criticada pela elite literária e ocultada dos cânones da literatura nacional. É como simbolista pelo estilo, pois a maioria de seus poemas são sonetos, sendo os demais compostos com versos rimados, ritmo, melodia, figurações e fugacidade. Como salienta Gomes (1994), para os autores do Simbolismo,

fazer poesia implica a tentativa de expressar a sensação fugidia, que merece necessariamente uma forma de expressão condizente com ela, também vaga, indecisa. É por isso que eles provocam uma revolução na linguagem poética. Traduzir as sensações absolutamente originais, recuperar a essência do poético, recusar o anedótico, a descrição dos objetos, a clareza, os estados de espírito perfeitamente identificáveis, as paixões excessivas e as formas banais do lirismo amoroso foram os traços marcantes da geração simbolista (GOMES, 1994, p. 25).

Gilka expressa todo esse sentimento conflituoso e essa necessidade de extrapolar os sentimentos, características da poesia simbolista., por isso, selecionamos, para este estudo, poemas que revelam as angústias de um ser aprisionado no espaço da vida doméstica, em que lhe é tolhido o direito de ter prazer, apenas por "ser mulher", nos quais Gilka desvela o universo feminino, permeado de proibições e padrões a serem seguidos à risca, sob o véu da hipocrisia que negava às mulheres expressarem sua sexualidade e suas sensações eróticas, coibidas, por serem consideradas vícios, depravação, e corroboradas por uma formação moral e sexual hetero-cristã. Para Chauí (1984), seguindo os valores cristãos,

na perspectiva moral, portanto, as racionalizações que justificam a repressão sexual ligam-se às ideias de hábito para o vício (uma espécie de segunda natureza), de impulso incontrolável causado por uma imperfeição (um defeito que gera uma conduta quase instintivamente viciosa) e de corrupção e desvio de normas (portanto, algo deliberado) (CHAUÍ, 1984, p. 118).

Os paradigmas impostos pelas duas instituições (família e religião) de maior peso na formação do ser humano eram difíceis de ser contestados. A família e a religião eram, principalmente, responsáveis pela formação moral e sexual da mulher, moldando-a a ser maternal e delicada, delegando às mulheres o lugar da reprodução e do cuidado com o lar e com a família. Quebrar esses paradigmas era uma tarefa a quem possuía um espírito livre e não tinha medo de afrontar o sistema vigente. O anonimato da vida pública da mulher, Gilka, atrelada a sua condição social de "filha obediente, esposa dedicada e mãe amorosa", já não bastava a mulheres que, como ela, possuíam acesso ao conhecimento letrado e estavam cientes das desigualdades de gênero. Essa poetisa é uma das primeiras autoras a falar de sexualidade em sua poesia e, como afirma Foucault (1988),

se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à existência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada. Quem emprega essa linguagem coloca-se, até certo ponto, fora do alcance do poder; desordena a lei;

antecipa, por menos que seja, a liberdade futura. Daí essa solenidade de que se fala, hoje em dia, do sexo (FOUCAULT, 1988, p. 12).

Assim, Gilka Machado contesta e afronta todo um sistema em que às mulheres era negada a autonomia sobre suas próprias vidas, bem como a possibilidade de criação e de fruição, vivia “à sombra” do marido de quem, invariavelmente, dependia economicamente. O espaço doméstico, “lugar” da mulher na sociedade, era determinado por esses e por outros fatores históricos e culturais, muito pouco questionados pelas mulheres e favoráveis aos homens, que as mantinham dominadas e subjugadas, e as convencerem de que não possuíam capacidade intelectual para galgar aos espaços públicos. Saffioti (1987) afirma que

dada a desvalorização social do espaço doméstico, os poderosos têm interesse em instaurar a crença de que este papel sempre foi desempenhado por mulheres. Para a solidificação desta crença nada melhor do que retirar desta atribuição de papéis sua dimensão sociocultural. Ao se afirmar que sempre e em todos os lugares as mulheres se ocuparam do espaço doméstico, eliminam-se as diferenciações históricas e ressaltam-se os característicos "naturais" destas funções (SAFFIOTI, 1987, p. 11).

A afirmação de Saffioti se comprova ao constatarmos que as primeiras atividades profissionais que as mulheres exerceram fora de casa eram uma extensão do trabalho doméstico, tais como: professora, a cuidadora, como se os alunos fossem seus filhos. Mais do que a função de ensinar conteúdos científicos, eram essas as funções das mulheres ao adentrarem no mercado de trabalho. Na escola, até algumas disciplinas eram destinadas à “Educação para o lar”. Em outras áreas, eram costureiras, em indústrias têxteis; ou nas indústrias de produtos alimentícios, no início da II Revolução Industrial e, durante as guerras, enfermeiras, trabalhos que elas já realizavam no cuidado com a família.

Entendemos que é preciso avaliarmos, também, a dimensão da repressão vivenciada pelas mulheres início do séc. XX, que ainda é a situação vivida por muitas mulheres, para entendermos que as relações de gênero exigem debates que primem pela igualdade entre homens e mulheres, sem preconceitos de nenhuma das partes, para eles possam reconhecer como as figurações do papel social da mulher e os anseios femininos são fatores de emancipação. Usar a literatura para abordarmos

essas questões pode ser uma via para a desestruturação do pensamento machista, ainda vigente, uma vez que, como afirma Antonio Cândido,

a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (CÂNDIDO, 1995, p. 113).

Esses pressupostos a respeito das funções da literatura estão expostos nos poemas de Gilka, que representam uma busca da mulher pela libertação do sistema patriarcal, castrador de sua liberdade de expressão e de sua autonomia, já que lhe era imposta a submissão, sem questionamentos.

Na poesia de Gilka Machado o reconhecimento do ser “mulher” como um construto social

Gilka Machado também recebeu em 1933 o prêmio de “Maior poeta brasileira do séc. XX”, promovido pela revista *O malho*, cujo teor era de sátira política e humor, e, em 1979¹, o Prêmio Machado de Assis, promovido pela Academia Brasileira de Letras, reconhecimento tardio, um ano antes de sua morte. O resgate da obra dessa grande poetisa e a “festa” com que Gilka nos presenteia, na atualidade, é tão necessário quanto era cem anos atrás, porque os conceitos do sistema patriarcal, basilares da dominação masculina, ainda possuem muitas vertentes.

O poema “Ser mulher”, embora publicado quando a autora tinha apenas 22 anos, em 1915, mostra toda a maturidade de uma mulher empoderada, que exalava erotismo, consciente de que os desejos de seu corpo eram aprisionados pelos mecanismos de dominação social. Eis o poema, na íntegra:

Ser mulher, vir à luz trazendo a alma talhada
para os gozos da vida: a liberdade e o amor;
tentar da glória a etérea e altívola escalada,

¹ <<http://revistalibertinagem.com.br/gilka-machado-e-os-primeiros-versos-do-prazer/>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

na eterna aspiração de um sonho superior...

Ser mulher, desejar outra alma pura e alada
para poder, com ela, o infinito transpor;
sentir a vida triste, insípida, isolada,
buscar um companheiro e encontrar um senhor...

Ser mulher, calcular todo o infinito curto
para a larga expansão do desejado surto,
no ascenso espiritual aos perfeitos ideais...

Ser mulher, e oh! Atroz, tantálica tristeza!
Ficar na vida qual uma águia inerte, presa
nos pesados grilhões dos preceitos sociais!
(MACHADO, 1970, p. 56).

Gilka Machado faz de sua poesia uma denúncia da condição doméstica da mulher, atrelada à procriação, aos cuidados com os filhos e com a casa, às prendas domésticas, à obediência cega ao “senhor”, que se tornou a “águia inerte”, presa aos grilhões da família tradicional, imersa em “tantálica tristeza”. Já nos versos iniciais do poema, “Ser mulher, vir à luz trazendo a alma talhada/ para os gozos da vida: a liberdade e o amor”, podemos ver a projeção de sujeito almejado, porém a realidade se apresenta contrária aos anseios femininos. O sonho da mulher de casar-se e ser feliz, desfazia-se sob o poder de dominação masculina, mas ela adequava-se ao sistema. Como afirma Bourdieu (2017),

quando os dominados aplicam àquilo que são produto da dominação, ou em outros termos, quando seus pensamentos e suas percepções estão estruturados de conformidade com as estruturas mesmas da relação de dominação que lhes é imposta, seus atos de conhecimento são, inevitavelmente, atos de reconhecimento de submissão (BOURDIEU, 2017, p. 27).

O poema apresenta a condição lídima do retrato de uma sociedade que relegou a mulher a um segundo plano e que, segundo as afirmações de Bourdieu, tornam-se naturalizadas. “Ser mulher” apresenta, literalmente, a condição social das mulheres do início do séc. XX, ao descrever os anseios da mulher que é reprimida em sua

sexualidade e mantém em segredo os desejos carnis. Os versos do primeiro terceto “Ser mulher, calcular todo o infinito curto/para a larga expansão do desejado surto, /no ascenso espiritual aos perfeitos ideais” ... definem a angústia da mulher que tem seus desejos aprisionados, sem poder expressá-los; um erotismo que apresenta um “avesso” que não pode vir à tona, sem estar exposto a um julgamento. Bataille afirma que

falamos de erotismo sempre que um ser humano se conduz de uma maneira que apresenta uma oposição bem acentuada a certos tipos de comportamento e de julgamento que nos são habituais. O erotismo deixa entrever o avesso de uma fachada cuja aparência correta nunca deve ser desmentida: no avesso revelam-se sentimentos, partes do corpo e maneiras de ser de que temos habitualmente vergonha. Insistamos nisso: esse aspecto, que parece alheio ao casamento, nunca deixou de ser aí sensível (BATAILLE, 1987, p. 72).

Gilka atreveu-se a expressar esses desejos, compartilhados por todas as mulheres, ao participar de um concurso, promovido pelo jornal *A Imprensa*, escandalizando os críticos literários, que a chamaram de “matrona imoral”. Gilka ficou com os três primeiros lugares do concurso; o primeiro lugar com poema assinado com seu nome; o segundo e terceiro lugares, assinados com pseudônimo, que era uma forma de as mulheres escreverem sem serem identificadas e julgadas por terem ideias que não se adequavam aos padrões femininos, porque a mulher deveria, como diz o adágio popular, ser “pura, recatada e do lar”.

Mulheres que contestavam sua condição de inferioridade e buscavam seu “lugar” na sociedade, como seres pensantes, capazes de exercer atividades, tipicamente, masculinas, logo eram tachadas de “prostitutas”, como se vender o corpo fosse a única forma de a mulher prover o próprio sustento, se não dependesse de um homem, perpetuando um discurso simbólico de inferiorização da mulher, e desprezo por aquelas que expunham seu erotismo, tema considerado tabu, que ainda hoje tem certas restrições. Para Foucault (1988),

deve-se falar do sexo, e falar publicamente, de uma maneira que não seja ordenada em função da demarcação entre o lícito e o ilícito, mesmo se o interlocutor preservar para si a distinção (é para mostrá-lo que servem essas declarações solenes e liminares); cumpre falar do sexo como uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou

tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga, apenas administra-se (FOUCAULT, 1988, p. 14).

Os aspectos sobre a condição feminina, entre o lícito e o ilícito, premente na condição humana, abordados nos poemas de Gilka Machado, trazem uma percepção realista da trajetória das mulheres em busca do desvelamento de seus anseios mais íntimos, tolhido pelos padrões do patriarcalismo. Como afirma Bourdieu,

a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõem-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem legitimá-la (2017, p. 22).

Como a “máquina simbólica” que estipulava como a mulher deveria se portar na sociedade funcionava em favor dos direitos dos homens, a literatura de autoria feminina sempre foi permeada de preconceitos e discriminações, haja vista que à mulher era reservado o lugar do silêncio, do recato, da abnegação e do lar. Ser artista ou escritora, nessa época, não era trabalho digno a uma “mulher decente”, pois, geralmente, eram essas as mulheres que ousavam “desafiar” o sistema patriarcal e lutarem por igualdade de direitos civis. Para Bourdieu (2017),

a dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (*esse*) é um ser-percebido (*percipi*), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam “femininas, isto é, contidas ou até mesmo apagadas (BOURDIEU, 2017, p. 96, grifos do autor).

Como podemos perceber, as mulheres que não se adequavam aos padrões e contestavam a condição feminina, mantidas no espaço doméstico pelo medo, como se estivessem sendo protegida das agruras do mundo, condicionadas a se sentirem gratas pela proteção do pai ou marido, não eram dignas de ser consideradas “decentes”. Os estereótipos criados a respeito da vida pública feminina eram todos depreciativos,

tornando, assim, mais difíceis as conquistas do espaço no mercado de trabalho, ou na vida artística. A própria Gilka, após a morte do marido, foi acusada de prostituição ao abrir uma pensão para prover o sustento dos filhos. Tendo que construir sua “imagem social”, autoafirma-se como sujeito social, contestando o que se propagava sobre as mulheres que se dedicavam às artes literárias.

Hoje, concebe-se a condição do “sujeito” mulher por sua participação na vida social, e autoras como Beauvoir (1970, p. 209), que afirma que “todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade”, representam a liberdade de expressão e autonomia da mulher moderna quanto à sexualidade, características inerentes à poesia do Simbolismo e condizente com o estilo dos poetas desse movimento literário. Como afirma Gomes (1994),

a figura do poeta sofre uma alteração fundamental. Mais do que simples ser inspirado, como entre os românticos, ele se torna agora um visionário, que procura decifrar o sentido simbólico do mundo, para, em seguida, revelá-lo aos homens comuns através da palavra poética (GOMES, 1994, p. 19).

Nos poemas eróticos de Gilka Machado, antevendo a consciência das mulheres em relação à própria sexualidade, eram expressos, por meio de mensagens subliminares, recursos figurativos, que denotavam empoderamento e uma liberdade, tão limitada, uma vez que à mulher cabiam atributos de pureza e recato, e não de desejos carnis incontidos, a serem expostos ao público, mesmo que fossem na literatura, tanto que muitos dos poemas da autora foram assinados com pseudônimo.

A mulher do início do séc. XX tem sua intelectualidade e sua sexualidade ocultadas pelo poder patriarcal e por sua condição de dependência financeira, do pai ou do marido, levando-a a uma condição de submissão, simplesmente justificada pelas questões de gênero. Gilka Machado, tão jovem, já possuía a percepção das relações de dominação que se estabeleciam, e ainda se mantêm, e das desigualdades de direitos civis entre ambos, apenas por uma condição biológica, desconsiderando a condição de sujeito social dos indivíduos. Para Saffioti (1987),

a identidade social da mulher, assim como a do homem, é constituída através da atribuição de distintos papéis que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. [...] A socialização dos filhos, por exemplo, constitui tarefa tradicionalmente atribuída às mulheres. Mesmo quando a mulher desempenha função remunerada fora do lar, continua a ser responsabilizada pela tarefa de preparar as gerações mais jovens para a vida adulta. [...] Apenas nas classes dominantes a delegação desta tarefa de socialização dos filhos não necessita de legitimação da *necessidade de trabalhar*. Esse tipo de mulher pode desfrutar da vida ociosa, pelo menos no que tange ao trabalho manual que a educação dos filhos exige (SAFFIOTI, 1987, p. 8, grifos da autora).

As atribuições diárias das mulheres com a família as mantinham ocupadas e “desligadas” do que ocorria fora do espaço doméstico, enquanto os homens determinavam o que ocorria no espaço público, estabelecendo as leis, em prol do domínio não só econômico, mas cultural e social, o que continua ocorrendo na atualidade, demandando que as mulheres continuem exigindo a participação social em espaços que, ainda, são de domínio masculino.

Para entender a trajetória de mulheres como Gilka Machado, é preciso entender que as transformações da sociedade e as relações de trabalho tiveram muito a ver com a emancipação feminina, uma vez que houve a necessidade da força produtiva da mulher, considerada inferior à força masculina, mas importante para que o sistema capitalista exercesse seu poder de dominação mercantil. Betty Friedan, psicóloga e escritora americana, em uma análise sobre a manipulação da sociedade pelo consumismo, faz um retrospecto histórico da condição social da mulher do final do séc. XX, o que nos leva a analisar que os aspectos abordados por essa autora trazem uma percepção realista da trajetória feminina em busca de seus direitos, num mundo dominado pelo sistema patriarcal. Seguindo os pressupostos de Friedan (1971),

é fácil descobrir os detalhes concretos que aprisionam a dona de casa, as contínuas exigências feitas ao seu tempo. Mas as cadeias que a prendem existem somente em seu espírito. São feitas de ideias errôneas e fatos mal interpretados, verdades incompletas e escolhas irreais. Não são fáceis de perceber, nem fáceis de romper (FRIEDAN, 1971, p. 30).

Em Gilka Machado surge a consciência de que não há mais a realização pessoal na necessidade de procriar, mas em ter autonomia sobre o próprio corpo, sobre a própria mente, em expressar seus desejos, sua sexualidade, realizar-se como sujeito social e firmar uma identidade pela qual seja respeitada, independentemente de sua condição biológica. Ela externaliza essa tomada de consciência, expressando-se por meio da poesia erótica, um tabu para sua época. Esses anseios da condição feminina são explicados por Friedan (1971), quando afirma que

anteriormente a imagem feminina era também dividida em duas — a mulher pura, no alto de um pedestal, e a prostituta, símbolo dos desejos carnisais. A divisão da nova imagem cria uma cisão diferente — a mulher feminina, cuja virtude inclui os desejos da carne, e a mulher com uma profissão, cujo vício inclui todos os anseios de uma personalidade independente (FRIEDAN, 1971, p. 43).

Betty Friedman agrega certo misticismo aos conceitos que foram atribuídos ao papel social da mulher, permeado de valores positivos a respeito de sua personalidade, que a convenceu a sentir-se especial, mesmo com seus direitos sendo relegados a uma condição mínima, sempre inferiores aos dos homens. Friedan (1971) afirma que

foi a busca de uma nova identidade que lançou a mulher, há um século, nessa impetuosa, criticada e mal interpretada viagem para fora do lar. [...] Seu gesto foi um ato de rebeldia, uma violenta negação da mulher como era então definida. Foi a necessidade de uma nova personalidade que conduziu as feministas a abrir trilhas inéditas para a mulher. Alguns desses caminhos eram excessivamente árduos, outros não tinham saída e outros ainda talvez tenham sido falsos, mas era autêntica a necessidade da busca (FRIEDAN, 1971, p. 71).

Gilka Machado apresenta uma poesia marcada pela simbologia da sexualidade feminina, reprimida, castrada pelo sistema patriarcal, que condicionou a mulher à sublimação da maternidade e à condição de esposa fiel e recatada, a quem os desejos da carne eram proibidos. Em nome da moral e dos bons costumes a mulher tinha que ocultar sua sexualidade e sua sensualidade. Nem mesmo no reduto do quarto lhe era permitido expô-los, porque poderia ser considerada uma devassa, uma mulher não confiável, dominada pelos impulsos despertados pelo sexo.

Como podemos perceber, a sociedade patriarcal impunha às mulheres as regras a serem seguidas e obedecidas, porém é preciso estarmos cônscias de que, como afirma Beauvoir (1970),

uma sociedade não é uma espécie: nela, a espécie realiza-se como existência; transcende-se para o mundo e para o futuro; seus costumes não se deduzem da biologia; os indivíduos nunca são abandonados à sua natureza; obedecem a essa segunda natureza que é o costume e na qual se refletem os desejos e os temores que traduzem sua atitude ontológica. Não é enquanto corpo, é enquanto corpos submetidos a tabus, a leis, que o sujeito toma consciência de si mesmo e se realiza; é em nome de certos valores que ele se valoriza... trata-se de saber o que a humanidade fez da fêmea humana (BEAUVOIR, 1970, p. 57).

Na contramão do que se esperava para o comportamento feminino da época, Gilka Machado ousa enfrentar os padrões estabelecidos e se firmar não só como representante do Simbolismo, corrente da literatura na qual os autores homens predominaram, mas também como uma voz em defesa dos direitos da mulher, uma vez que estava integrada aos primeiros movimentos feministas no Brasil. A poetisa, torna-se também, a voz que declara publicamente, por meio de seus poemas, os sentimentos femininos em relação à vida social e ao próprio corpo. Embora suas obras tenham sido pouco conhecidas do público, até meados do século XX, ela foi precursora de uma estética literária a que poucas escritoras se atreveram a adentrar. O mérito de sua obra está na autonomia de se reconhecer como sujeito “mulher”, expressando sentimentos individuais e coletivos, em uma época em que o patriarcado impunha regras sociais e morais, sem ser questionado.

O viés erótico da poesia de Gilka Machado e as convenções sociais

Percebemos que a mulher da modernidade ainda não abdicou de seus deveres domésticos, apesar de muitas terem assumido sua independência financeira, moral e sexual, e de se atribuírem o direito de fazer suas escolhas, tanto no âmbito doméstico, quanto na vida pública, libertando-se dos valores da sociedade patriarcal tornando-se, literalmente, “senhoras de seus destinos”. Para Bourdieu (2017). Os espaços ditos “femininos” estão inscritos,

sobretudo implicitamente, nas posições oferecidas às mulheres pela estrutura, ainda fortemente sexuada, da divisão de trabalho, que as disposições ditas “femininas”, inculcadas pela família e por toda a ordem social, podem se realizar, ou mesmo se expandir, e se ver, no mesmo ato, recompensadas, contribuindo assim para reforçar a dicotomia sexual fundamental, tanto nos cargos, que parecem exigir a submissão e a necessidade de segurança, quanto em seus ocupante, identificados com posições nas quais, encantados ou alienados, eles simultaneamente se encontram e se perdem (BOURDIEU, 2017, p. 85).

Essa ideia de “vocação” para a vida doméstica, como se fosse natural a mulher aceitar a submissão e permanecer sob o jugo masculino, incomodava Gilka Machado que, embora muito jovem, já estava cônica de que a mulher é um constructo social. Portanto, a poetisa, utilizou-se da linguagem literária para expressar seus ideais sobre a condição feminina e tornar-se ícone de resistência aos valores patriarcais, e da ideologia cristã sobre o “pecado”, determinado pelos hábitos sexuais. Como afirma Chauí (1984, p. 87), “embora o sexo esteja essencialmente atado ao pecado, todas as atividades sexuais que não tenham finalidade procriativa são pecaminosas, colocadas sob a categoria da concupiscência e da luxúria e como pecados mortais”. Eis o poema, na íntegra: Um dos poemas mais representativos de Gilka, que exala o erotismo reprimido da mulher do início do séc. XX, intitula-se “Tuas mãos são quentes, muito quentes” e foi publicado em **Cristais partidos**:

Meu corpo todo, no silêncio lento
em que me acaricias,
meu corpo todo, às tuas mãos macias,
é um bárbaro instrumento
que se volatiza em melodias...
e, então, suponho,
à orquestral harmonia de meu ser,
que teu grandioso sonho
diga, em mim, o que dizes, sem dizer.
Tuas mãos acordam ruídos
na minha carne, nota a nota, frase a frase;
colada a ti, dentro em teu sangue quase,
sinto a expressão desses indefinidos
silêncios da alma tua,

a poesia que tens nos lábios presa,
teu inédito poema de tristeza,
vibrar,
cantar,
na minha pele nua
(MACHADO, 1970, p. 177).

Nesse poema, Gilka expressa todas as sensações da mulher, amada, despertada em sua sexualidade, delirante de prazer, imbuída de sua condição de sujeito, cônica do prazer a que tem direito como ser social, embora, para a sociedade da época, a mulher que demonstrasse sua libido era considerada vulgar, indigna do marido, podendo ser considerada uma prostituta; cabia a mulher calar-se, e deixar-se usar, sexualmente, como um objeto que deveria satisfazer, única e exclusivamente, aos homens, para que legitimassem sua condição de “macho”.

Nos versos em que o desejo aflora mais premente *Tuas mãos acordam ruídos/ na minha carne, nota a nota, frase a frase*, percebe-se que esses “ruídos” são os desejos silenciados da mulher que anseia por demonstrar seu amor no momento de maior intimidade, mas cala-se, porque sua resignação é que tem valor, seu amado tem de ser saciado; o que ela sente não importa. Como afirma Saffioti (1987),

para o poderoso macho importa, em primeiro lugar, seu próprio desejo. Comporta-se, pois, como sujeito desejante em busca de sua presa. Esta é o objeto de seu desejo. Para o macho não importa que a mulher objeto de seu desejo não seja sujeito desejante. Basta que ela consinta em ser usada enquanto objeto (SAFFIOTI, 1987, p. 18).

A premência com que Gilka Machado expõe o desejo feminino em seu poema, sai da alcova e incita as mulheres a refletirem sobre sua própria sexualidade, sobre o erotismo que permeia as conjunções carnavais, sobre a necessidade de a mulher deixar seus desejos aflorarem e sentir prazer com seu corpo, sentir-se feminina, reconhecer-se como mulher, e não como um objeto a ser usado, quando a vontade masculina impera. Despertar essa consciência da mulher sobre si e sobre a autonomia que deve ter sobre seu corpo, torna-se perigoso, por isso a poesia erótica, ou outra literatura que despertasse para a sexualidade, era

ocultada, sendo privilégio dos homens ter acesso a ela, revelando assim, o domínio masculino até na área do acesso ao saber.

Ao se tratar de relações humanas, em sua condição de dominação *versus* submissão, faz-se necessário recorrer a mecanismos de análise que permitam avaliar como essas relações se estabelecem e se perpetuam, impondo-se na condição de normalidade, sem questionamentos. Por meio de estudos mais aprofundados em relação às desigualdades de gênero, construídas histórica e culturalmente, é que se poderá intervir nos conceitos do patriarcado, a fim de extirpar os resquícios de preceitos que não condizem com a condição lídima de liberdade de expressão, por isso, como afirma Chauí (1996), é necessário adotar

métodos de compreensão e de interpretação do sentido das ações, das práticas, dos comportamentos, das instituições sociais e políticas, dos sentimentos, dos desejos, das transformações históricas, pois o homem, objeto dessas ciências, é um ser histórico-cultural que produz as instituições e o sentido delas. Tal sentido é o que precisa ser conhecido (CHAUÍ, 1996, p. 159).

A mulher, reconhecendo-se como um construto social, e como sujeito, ciente dos desejos de seu corpo e de sua mente, desestabiliza o poder masculino e contesta sua imposta condição de inferiorizada, que não se justifica, nem mesmo por fatores biológicos. As figurações do papel social da mulher expostas nos poemas de Gilka representam os anseios de libertação do sistema patriarcal, castrador da liberdade de expressão e da autonomia das mulheres, a quem era imposta a submissão, sem questionamentos. Como bem salienta Saffioti (1987),

torna-se bem claro o processo de construção social da inferioridade. O processo correlato é o da construção social da superioridade. Da mesma forma como não há ricos sem pobres, não há superiores sem inferiores. Logo, a construção social da supremacia masculina exige a construção social da subordinação feminina. Mulher dócil é a contrapartida de homem macho. Mulher frágil é a contraparte de macho forte. Mulher emotiva é a outra metade de homem racional. Mulher inferior é a outra face da moeda do macho superior (SAFFIOTI, 1987, p. 29).

Contestando a condição feminina de submissão e inferioridade, permitindo uma reflexão aprofundada sobre a sexualidade feminina, analisa-se a obra de Gilka Machado, cuja notoriedade e valorização da importância de sua poesia erótica só ocorreram na maturidade. Reconhecida e exaltada por Carlos Drummond de Andrade, por ocasião de sua morte, em 1980, como “a primeira mulher nua da poesia brasileira [...] viúva pobre que ganhava a vida com esforço e gostava de estar ‘toda nua, completamente exposta à volúpia do vento’”², como bem relata em declaração ao *Jornal do Brasil*:

Figura 1 - Foto do *Jornal do Brasil*, 18 de dezembro de 1980, p. 7.



Fonte: Biblioteca Nacional Digital/Hemeroteca Digital.

² <<http://revistalibertinagem.com.br/gilka-machado-e-os-primeiros-versos-do-prazer/>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

Drummond talvez tenha se equivocado quando argumenta que a literatura redescobre um autor “não há mais festa, há a simples avaliação crítica, sem foguetes”, porque as “glórias mais estabelecidas”, tardiamente, reconhecem autores como Gilka Machado, que além de tratar de tema “proibido” dentro dos moldes do sistema patriarcal, ainda carregava o “fardo” de “ser mulher”, título de outro de seus poemas, que vai na contramão das características da poesia de autoria feminina

O questionamento sobre a perpetuação de conceitos da sociedade patriarcal, vinculados ao amor

Respeitada por suas ideias revolucionárias, Alexandra Kolontai, contemporânea de Gilka Machado, é autora de vários livros que possuem como tema a condição da mulher na sociedade, abordando fatores históricos e culturais, e prediz, à época, que a roda da história “obriga aos homens de uma mesma geração a aceitar noções diferentes” da condição feminina porque “a nova mulher, a mulher celibatária [...] é um fato real, um ser vivo, com existência própria” (KOLONTAI, 2008. p. 78).

Em outro poema, sem título, Gilka apresenta a mulher enigmática, aquela capaz de se transformar em “várias mulheres” para satisfazer os desejos do amado, demonstrando a universalidade da autora no reconhecimento do domínio que o homem exerce sobre a mulher, uma vez que ela está pronta a realizar “seu gozo, seu festim”.

As diversas faces da mulher pelas quais Gilka discorre seus versos, demonstra sua sensibilidade em relação aos anseios femininos, e revela bem mais que um simples poema de amor. Sua escrita, impregnada de valores que permeiam o universo feminino, chega-nos à atualidade, e reconhecemos em mulheres próximas a nós as mulheres do início do século passado, reforçando a permanência dos conceitos patriarcais.

MAL ASSOMOU A' MINHA ANCIOSA VISTA
O TEU PERFIL QUE INVOCA O DOS RAJAHS,
SENTI-ME MAIS MULHER E MAIS ARTISTA,
COM REQUINTES DE SONHOS ORIENTAES.

DO TEU AMOR A' ESPLENDIDA CONQUISTA,
MINHA CARNE E MINHA ALMA SÃO RIVAES:

FAR-ME-HEI A SEMPRE INÉDITA, A IMPREVISTA,
PARA QUE CADA VEZ ME QUEIRAS MAIS.

FEITAS DE SENSações EXTRAORDINÁRIAS,
AGUARDAM-TE EM MEU SER MULHERES VÁRIAS,
PARA TEU GOSO, PARA TEU FESTIM.

SERAS COMO OS SULTÔES DO VELHO ORIENTE,
SÓ MEU, POSSUINDO, SIMULTANEAMENTE,
AS MULHERES IDEIAS QUE TENHO EM MÍM...

(MACHADO, 1928, S/N, mantida a grafia original, e em letra maiúscula).

A visão realista da condição inferiorizada da mulher, mesmo a que aceitou a dominação simbólica, que a autora imprime em sua obra, é digna de leituras e releituras, pois reforça a necessidade de libertação e de empoderamento feminino, mesmo atualmente. O poema de Gilka, reforça a condição servil da mulher nos versos “Far-me-hei a sempre inédita, imprevista/ para que cada vez me queiras mais”, desejosa de usar de seu poder de sedução, para manter o amado, ilusoriamente cativo, não reconhecendo a condição de submissão que essa postura lhe arroga.

Ao fazer uma análise da condição feminina, com o advento da sociedade capitalista, em seu livro **A nova mulher e a moral sexual**, escrito em 1918, Kolontai (2008) traça um paralelo das relações amorosas e profissionais da mulher moderna da época, tão próxima ao comportamento da mulher moderna de hoje, comparando-a à mulher do passado que, segundo a autora,

estava acostumada por seu amo e senhor, durante séculos e séculos, a esquecer-se de si mesma, a descuidar completamente de seu mundo espiritual. A mulher do passado não dava nenhum valor a sua personalidade, acostumada aos sorrisos indulgentes que os homens tinham para com suas debilidades e sofrimentos de mulher. Por isso, designava-se sem protestar, a que seu companheiro não prestasse a menor atenção ao que pensava e sentia (KOLONTAI, 2008, p. 102).

Constatamos que essas questões, também abordadas por Gilka em seus poemas, ainda são justificadas pelas diferenças entre os gêneros, pela supremacia masculina, pelo poder patriarcal, pela condição de

inferioridade relegada à mulher, tratada mais como objeto que como ser pensante, produtor de conhecimentos. Gilka também mostra que as questões de sexualidade e de erotização, tratados como tabus como se não remetessem a um contexto sociocultural efetivo, e não fossem relevantes para serem expostos a público, fazem parte do universo feminino e de sua identidade como sujeito social.

Talvez por ter nascido em uma família de artistas, Gilka Machado tenha sido criada com maior liberdade e ensinada a questionar os valores e padrões impostos às mulheres, pelo patriarcado, o que lhe permitiu ousar escrever poemas eróticos e poemas sociais que questionavam a submissão das mulheres. A condição de mulher letrada, acessível a poucas mulheres de sua época, deu-lhe conhecimentos e discernimento para engajar-se pelos direitos civis das mulheres, em termos de igualdade com os homens, a fim de saírem da condição de subjugação a que foram condicionadas, historicamente, pelo sistema patriarcal.

A literatura de Gilka Machado, tardiamente conhecida pelo público, é toda direcionada a questionamentos e reflexões sobre a sexualidade, e sobre o papel social da mulher, seu “estar no mundo” e inscrever-se nele, no espaço doméstico e no espaço público. Sua poética reforça o sentido de que as mulheres precisam assumir-se e reconhecerem-se em sua condição de sujeitos sociais, uma construção que tende a libertá-las, também, de séculos de conceitos, pré-conceitos e preconceitos, que as convenceram de que em questões de gênero se determinam “lugares” e papéis sociais a serem desempenhados.

Referências

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução de Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 4. ed. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

CALÓ, Adriana. **Revista Ovibus** (Sociedade), 2017. Disponível em: <http://obviousmag.org/coisas_de_dri/2017/resgate-de-memoria-quem-foi-gilka-machado.html>. Acesso em: 08 jul. 2020.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3 ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual**: essa nossa (des)conhecida. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CHAUÍ, Marilena. **Senso comum e transparência. O preconceito**. São Paulo: Secretaria da Justiça e Defesa da Cidadania/Imprensa Oficial, 1996.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução: Maria Thereza da Costa. Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FRIEDAN Betty. **Mística feminina**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1971.

GOMES, Alvares Cardoso. **O simbolismo**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

KOLONTAI, A. **A nova mulher e a moral sexual**. 4 reimpressão. São Paulo: Expressão Popular Ltda, 2008.

MACHADO, Gilka. **Meu glorioso pecado**. Rio de Janeiro: Editores Almeida Torres & C., 1928.

MACHADO, Gilka. **Poesias completas**. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1970.

RKAIN, Jamyle Hassan. Gilka Machado e os primeiros versos do prazer. **Revista Libertinagem**, Florianópolis. Ano 1, n. 1, p. 6-11, jan. 2017. Disponível em: <<http://revistalibertinagem.com.br/gilka-machado-e-os-primeiros-versos-do-prazer/>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

Recebido em: 14 de julho de 2020

Aceito em: 29 de outubro de 2020